

COMUNIDADES RESILIENTES: AS FAMÍLIAS RIBEIRINHAS E SUAS PERCEPÇÕES

KARINA DOS SANTOS MOURA¹; EMILY SCHIAVINATTO NOGUEIRA²;
ADRIANA PORTELLA³; GISELE SILVA PEREIRA⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – Karina.moura@ufpel.abea.arq.br*

² *Universidade Federal de Pelotas – ey.nogueira@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – adrianaportella@yahoo.com.br*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – gisele_pereira@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

No Brasil, as comunidades ribeirinhas existentes enfrentam inundações periódicas seja por consequências antrópicas ou por causas naturais. Dentro desta temática, o presente trabalho tem como objetivo realizar um levantamento perceptivo para futuras requalificações urbanas e de moradia para comunidades ribeirinhas atingidas periodicamente por inundações no Brasil. A pergunta de pesquisa a ser respondida é: Como captar informações relevantes para serem usadas em projetos de habitação de interesse social usando os conceitos de comunidades resilientes?

Motivos históricos, culturais, políticos ou espaciais evidenciam a inevitabilidade de construções em áreas de inundação. Diversas formas de lidar arquitetonicamente com as questões das cheias em áreas ribeirinhas podem ser observadas ao longo da história da arquitetura e do urbanismo, como as palafitas no norte e nordeste do Brasil e as habitações flutuantes na Holanda. Há nos dias atuais uma vertente arquitetônica que lida exclusivamente com essa questão, tendo como objetivo minimizar os problemas das enchentes nas edificações usando novas técnicas, para essa nova vertente PISANI (2018) dá o nome de Arquitetura e Urbanismo resilientes às inundações.

Nessas áreas encontramos comunidades que resistem independente dos consecutivos desastres e perdas ocorridas, são famílias que por gerações, moram, trabalham e têm o seu lazer voltado às atividades pesqueiras ou com alguma outra ligação com os cursos d'água. Comunidades são compostas por núcleos familiares que, segundo SILVA (2003) são “unidos por laços ou interesses de diversos tipos em comum” e resiliência “é a capacidade para enfrentar, recuperar-se e aprender com situações adversas” (SILVA, 2003). “Na área da arquitetura, a expressão “arquitetura resiliente” pode ser empregada para nomear as edificações que incorporam projetos, instalações, materiais e técnicas que reduzem os impactos dos acidentes, minimizando ou eliminando as perdas socioeconômicas durante e após os eventos danosos” (PISANI, 2018).

2. METODOLOGIA

Como estudo de caso nesta pesquisa, foi selecionada a comunidade pesqueira “Pontal da Barra” (Figura1), localizada na cidade de Pelotas/RS. Tal comunidade situa-se na mesma faixa de terra desde a década de 1970, data esta que representa o período em que os primeiros agrupamentos de pescadores se instalaram no local.



Figura 1: Localização do loteamento Pontal da Barra na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, Brasil.

Foi adotada nesse estudo, a metodologia qualitativa e participativa, sendo parte da área de pesquisa da percepção ambiental. Os métodos de coleta de dados utilizados para a captação da percepção do lugar neste trabalho foram: análise ambiental; visitas técnicas para observação do lugar; entrevistas não estruturadas e coleta de dados oficiais cedidos com autorização pela Secretaria de Habitação e Regularização fundiária da Prefeitura Municipal de Pelotas. Ainda, os assuntos abordados nas entrevistas não estruturadas abordaram temas como: suporte do poder público para a comunidade; as dificuldades enfrentadas em épocas de inundações; qualidade das moradias; satisfação com o lugar; e a relação entre os moradores com o meio ambiente.

A comunidade que habita a faixa de terra do quadrante Sul do Pontal é constituída por 68 núcleos familiares cadastrados pelo poder municipal, que residem em 70 moradias. A renda salarial familiar média das famílias é de R\$1.325,33, tendo a pesca, o comércio, auxílios como pensões, salário Bolsa Família e aposentadorias como as principais fontes de renda das famílias.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Alguns critérios foram determinantes para a escolha da comunidade do Pontal como estudo de caso: os moradores são expostos a inundações recorrentes, provenientes dos ventos e das marés e também por causa de um aterramento feito para a efetivação de um loteamento na parte norte do Pontal da Barra, além de ser uma área ocupada por famílias consideradas vulneráveis economicamente e também porque apresenta infraestrutura urbana precária.

A comunidade estudada situa-se no quadrante sul da área denominada Pontal da Barra no plano diretor da cidade de Pelotas, em uma faixa de terra na costa da Laguna dos Patos (Figura 2). Uma única via terrestre faz a ligação da comunidade ao restante da cidade, onde a falta de uma elevação nas áreas que sofrem inundações periódicas faz com que esta estrada fique coberta pela água pelo menos uma vez ao ano.



Figura 2: Recorte do Mapa temático “Áreas especiais de interesse do ambiente natural” do Plano Diretor da cidade de Pelotas (Fonte: III Plano Diretor de Pelotas, Lei municipal 6.636, de 3 de outubro de 2018, editado pelos autores, 2020).

A ausência de ponto de ônibus também dificulta a proximidade da comunidade com a zona urbana, o ponto de ônibus mais próximo fica há 1,4 km de distância. As moradias dos pescadores, em sua maior parcela caracterizam-se por serem casas térreas com poucos cômodos (Figura 3). Segundo dados obtidos junto à SHRF, 48 casas possuem acesso à água, 53 à energia elétrica; 26 casas são de madeira, 24 de alvenaria e 7 de alvenaria e madeira.



Figura 3: Residências de pescadores da comunidade do Pontal da Barra
 (Fonte: autora, 2019).

Durante a primeira visita técnica à comunidade, foi aplicado o método de entrevista, onde um morador enfatizou a falta de infraestrutura urbana local e relembrou os alagamentos que havia presenciado e, conforme sua percepção, por conta dos acontecimentos, parte do ano os moradores do Pontal ficam sem acesso, como se estivessem ilhados.

Quando entrevistado, o pescador mais antigo da comunidade, com 75 anos, contou que já viveu experiências em que a água das cheias chegou a subir mais de 40 cm dentro da sua casa. Relatou ainda que, quando foi morar na comunidade, sua casa se localizava às margens da Laguna dos Patos, mas, conforme foram ocorrendo episódios de alagamentos, ele foi construindo sua casa cada vez mais longe da água, em locais mais altos do terreno.

Sobre o sentimento de pertencimento e segurança do local, uma moradora, proprietária de uma pastelaria famosa na localidade, comentou que dentro da comunidade todos se conhecem pois moram lá há muitos anos. Há também um

sentimento de incerteza quanto a permanência das famílias na localidade, devido à dúvida e medo de serem despejados. Há um desestímulo sobre os investimentos que os moradores podem fazer em suas casas com o dinheiro proveniente das safras de camarão e tainha.

Em todas entrevistas realizadas, os moradores afirmaram que não querem sair do local, ficando evidente um forte sentimento de comunidade e vizinhança nas falas dos moradores devido a relação de pertencimento que os moradores possuem com o lugar, uma vez que vivem e trabalham na localidade.

4. CONCLUSÕES

A análise das percepções dos moradores da comunidade ribeirinha, dos seus anseios e da situação em que vivem permitiu que fosse percebida a ligação histórica e econômica que aquelas pessoas possuem com o lugar.

No nível local, este trabalho contribui para a discussão de possíveis soluções para a comunidade estudada, assim como para a visibilidade da região em questão perante o poder público e à comunidade civil.

No nível nacional, este trabalho serve como base para diretrizes sobre como desenvolver um projeto participativo com comunidades ribeirinhas, recolhendo informações acerca da percepção do usuário sobre o seu lugar de moradia.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

PISANI, M. A. Arquitetura e Urbanismo Resilientes às Inundações: Planejamento de Áreas Inundáveis e Tipologias de Edificações. Pós-Doutorado –Mackenzie. São Paulo - SP, 2018.

SILVA. **Comunidades Resilientes**. Abrapede, Brasília. Publicações. Acessado em 23 set. 2020. Online. Disponível em: <http://www.abrapede.org.br/wp-content/uploads/2013/02/Comunidades-resilientes1.pdf>

FRANCISCO, W.C. **Inundações Urbanas**. Brasil Escola. Acessado em 12 jun. 2020. Online. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/geografia/inundacoes-urbanas.htm>.

FIOCRUZ. **Mapa de Conflitos envolvendo Injustiça Ambiental e Saúde no Brasil**. Acessado em 24 jun. 2020. Online. Disponível em: <http://mapadeconflitos.ensp.fiocruz.br/?conflito=rs-moradores-e-pescadores-de-pontal-da-barra-sofrem-com-empreendimentos-irregulares-e-precarias-condicoes-de-vida>.

PELOTAS, RS. Lei nº 5502/ 2008. **III Plano Diretor de Desenvolvimento Municipal**, Pelotas, 2008.